

A figura da viajante: as peregrinações de Flora Tristan.

Moema de Rezende Vergara*

Abstract

The present study displays the several characters lived by Flora Tristan during her life: the traveller, the journalist and the woman. Her female character provides some of the most relevant experiences that contributed to the formation of a feminine identity in the contemporary society, namely motherhood, marriage and amorous relationships. The emphasis on the traveller character reveals Flora Tristan's trips as a privileged experience that accounts for her intellectual growth, as well as the important role they displayed in her personal life. The socialist character is built upon the historical scenery and political ideology that influenced Flora as well as an entire generation.

Word key: voyages, genre, social history and Industrial Revolution.

Resumo

O presente artigo é orientado segundo as diversas *figuras* vividas por Flora Tristan durante sua vida: viajante, socialista e mulher, sendo que neste momento daremos mais ênfase a figura de viajante. A figura feminina traça algumas vivências formadoras da identidade feminina na sociedade, tais como: casamento e relação amorosa. A ênfase na figura de viajante revela o espaço da viagem como um lugar privilegiado para o amadurecimento intelectual de Flora Tristan, além de ter sido palco para experiências de ordem pessoal da autora. A figura de socialista é construída a partir do contexto histórico e o ideário político de Flora e de sua geração.

Palavras-chave: viagem, gênero, história social e Revolução Industrial

Introdução

No decorrer de minha pesquisa sobre Flora Tristan¹, a figura de viajante foi se impondo como eixo fundamental de sua obra. A idéia de viagem está contida na maioria dos títulos de seus livros:

* Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense e bolsista do MAST.

¹ Flora Tristan foi uma das feministas e socialistas pioneiras da geração de 1830 na França.

Promenades dans Londres, Peregrinaciones de una Pária e Tour de France. Flora irá se utilizar do recurso da viagem tanto para resolver seus problemas pessoais – fugir do marido, buscar o reconhecimento da família paterna; quanto para fazer propaganda política de seu livro *União Operária*, experiência essa relatada em *Tour de France*, ou para pesquisar na Inglaterra as conseqüências da Revolução Industrial². O fato de ser uma viajante contribuiu, em muito, para a força de seu pensamento, pois *aquele que apenas conhece a sua terra arrisca-se sempre a confundir cultura e natureza, a erigir o hábito em norma, a generalizar de um único exemplo que é ele mesmo*³. Ela própria garante que as viagens constituem-se na melhor escola, mesmo que a condição de gênero não passe impune para as viajantes, que teriam um papel diferente do desempenhado pelos homens:

As mulheres têm um papel importante a desempenhar nas viagens, pois se elas não podem, tanto quanto os homens, serem úteis à ciência, é no comportamento que seu espírito de observação é preponderantemente mais útil.

Viajar, como um alargamento da experiência humana, foi tido, ao longo do século XVIII, como parte de um processo controlado de aprendizagem, complemento da educação. *Emílio* de Rousseau⁴ relata justamente o aprendizado de um jovem através de suas viagens com seu preceptor. A idéia de viagem coincide com a própria vida para Todorov. *O deslocamento no espaço é o signo primeiro, mais fácil, da mudança: ora, quem diz vida diz mudança*.⁵ Mais que isso, Rouanet nos prova que *só os viajantes são inteiramente humanos, pois (...) exercem, em sua plenitude, a prerrogativa máxima da espécie, a de cortar, consciente e voluntariamente, por algum tempo ou para sempre, os vínculos com o país de origem*.⁶

² No caso específico de sua ida a Londres, Flora não foi a única a desejar conhecer mais de perto a Inglaterra, para estudar os efeitos do industrialismo, que estava numa posição avançada como potência européia e mundial frente aos outros países. Segundo Leon Faucher *a Inglaterra era a pátria das inovações e das experiências, país que ultrapassa os outros e abre caminhos que nos levaram a saber aonde vai a França*. Depois das guerras napoleônicas, uma onda incessante vem da França em direção a Londres, economistas, reformadores sociais, pesquisadores e visitantes de toda a espécie, sem falar nos técnicos que vieram para estudar a tecnologia britânica.

³ TODOROV, Tzvetan. *As Morais da História*. Publicações Europa-América Ltda, 1991. p.99-100

⁴ ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da Educação*. Tradução Sérgio Milliet. 2a edição revista. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973

⁵ TODOROV, *op. cit.*, p.93

⁶ ROUANET, Sérgio Paulo. *A Razão Nômade: Walter Benjamin e Outros Viajantes*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p.7.

Em seu livro *Imperial Eyes*⁷, Mary Louise Pratt tem como objetivo construir as imagens das viajantes do século XIX, partindo da ótica feminina. No capítulo sobre "exploradores sociais", ela compara Flora Tristan a Mary Graham⁸. Suas mortes ocorreram com apenas dois anos de diferença (a primeira em 1844 e a outra em 1842). Elas visitaram a América do Sul em épocas e lugares diferentes. Flora conheceu o Peru e Mary Graham o Chile e o Brasil e foram importantes testemunhas da História destes países. Contrariando um estereótipo em relação ao relato europeu sobre os países "exóticos", o drama político mostrado por estas escritoras é mais rico do que aquele apresentado por muitos outros viajantes que aqui estiveram.

Pratt assegura que o século XIX é um momento especial da expansão do capitalismo, assim, os europeus estão viajando por todo o mundo, seja como conquistadores, como cientistas, missionários ou aventureiros, e há um grande número de mulheres viajando também, seja para acompanhar seus maridos ou seus pais, ou quando muito, para irem direto para a casa de alguma família rica para trabalhar como preceptoras ou governantas. O que marca a singularidade de Flora é o fato dela viajar sozinha. As mulheres que viajavam sozinhas eram duplamente estrangeiras, pois no imaginário burguês do século XIX, elas incidiam em duas categorias que podemos chamar de incontrolláveis: ser mulher e estrangeira.

Por que viajar para Londres?

Flora tira proveito de sua condição de estrangeira para produzir um vasto material sobre as sociedades que visitou. A comparação de suas viagens à Inglaterra e ao Peru⁹, nos permite chegar ao seu conceito de progresso. Talvez Flora considerasse estar a França no meio do caminho entre um Peru "selvagem": *a fase da civilização em que se encontra este povo está muito aquém do alcançado na Europa*, e a Inglaterra industrial, *com suas chaminés monumentais*

⁷ PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. London: Routledge, 1992.

⁸ Nascida em 1785, Graham estava perto dos 40 anos quando chegou à América do Sul com seu marido Thomas Graham, um capitão da marinha inglesa designado para prestar auxílio aos países que lutavam contra a Espanha por sua independência. Graham perde seu marido no Chile, onde permanece por mais alguns anos sob a proteção do Lord Thomas Cochrane. Em 1823, ela se muda para o Rio de Janeiro onde vai trabalhar para a corte portuguesa como tutora da família real. Em 1824 ela retorna para a Inglaterra.

⁹ Por ocasião de seu casamento, Flora descobre que seus pais não haviam sido casados legalmente. No entanto, seu pai, que era peruano, já tinha morrido. Mais tarde, quando decide se separar do marido, ela decide ir ao Peru reclamar sua herança. Esta viagem resultou no livro *Peregrinações de uma Pária*.

que lançam no céu sua fumaça negra e anunciam a existência de grandes fábricas. O intuito de viajar à Inglaterra poderia estar em “antecipar” o futuro que irá chegar impreterivelmente à França. Em *Peregrinaciones de una Pária*, Flora atesta que *o progresso gradual de séculos é fácil de verificar pelos documentos históricos que representam o estado social dos povos em tempos anteriores*. Se existe alguma idéia que pertence com toda a propriedade ao século XIX, ao menos pela importância que a outorga e que, aceita ou não, é familiar a todos, é a idéia de progresso concebido como uma lei geral da História e do futuro da humanidade¹⁰. Flora estava imbuída da idéia “positiva” de progresso que circulava na Europa do século XIX. Embriagados pelo espetáculo dos avanços materiais da civilização moderna e com os resultados da ciência, não vêem limite ao poder humano. A decadência moral vista como uma consequência dos avanços da industrialização, é considerada como um fato transitório, fase necessária de um desenvolvimento dirigido ao progresso moral, já que se deve a um processo mediante o qual as crenças, idéias e instituições do passado desapareceriam para abrir caminho para princípios novos e melhores. No debate dessa época, havia uma teoria derivada da Revolução que afirmava que o mundo se move para a igualdade universal e negação das diferenças de classe, nisso estaria a verdadeira direção do progresso¹¹.

No entanto, esta questão estava longe de ser tranquilamente aceita por todos e suscitava contestação entre os socialistas franceses: em meio a esta “euforia” das conquistas humanas e a fé no triunfo final da civilização, conviveram pensadores que viam o progresso com certa desconfiança, entre eles podemos citar Proudhon, autor conhecido de Flora, que via na sociedade industrial a fonte de toda miséria humana¹².

Se uma sociedade industrial é o que espera os franceses, nada mais natural do que “passear” por Londres para melhor conhecer as consequências dos desvios provocados pelo industrialismo, que neste momento é entendido como pauperismo e responsável pela miséria vivida pelo povo; o destino dos excluídos e dos marginais - delinqüentes, loucos, prostitutas. Este é o objetivo de *Promenades dans Londres*¹³. A importância desta obra está no fato de ser o relato da última viagem a Londres, que Flora fez questão de registrar já como

¹⁰ BURY, John. *La Idea del Progreso*. Madrid: Alianza Editorial, 1971. p.281

¹¹ *ibid.*, p.283

¹² *ibid.*, p.289.

¹³ TRISTAN, Flora. *Promenades dans Londres ou L'Aristocratie et les Proletaires Anglais*. Paris: La Découverte/ MASPERO, 1983.

uma socialista de certo renome¹⁴, em 1839. Ela já havia estado neste país quatro vezes; sobre as primeiras viagens, não sabemos quase nada. Apesar do sugestivo título do livro – *Promenades* (passeios) em Londres – menos que uma atitude de *flânerie* em relação à cidade de Londres, Flora parece assumir uma posição de denúncia, ficando constantemente atenta às contradições e às injustiças da sociedade inglesa.

Uma das passagens mais interessantes de Flora, em sua última ida a Londres, é a sua visita ao Parlamento Britânico. Para os liberais da Europa, o Parlamento Inglês era uma referência suprema: uma instituição admirável, o modelo das liberdades parlamentares e constitucionais. Flora, ao contrário, queria desmistificar essa casa, que seria a raiz da opressão - aristocrata, burguesa, masculina... *Não só por representar o poder espoliador de classe, mas também como de separação sexista: as mulheres estavam proibidas de entrar no Parlamento.*

Referindo-se ao fato de os ingleses serem súditos da rainha Victoria, na época, Flora ironizou os deputados: *essa assembléia que recebe ajoelhada as ordens de uma rainha atinge o máximo da inconseqüência ao recusar às mulheres o direito de assistirem às suas sessões.* Suas críticas chegam a ser bastante tímidas, pois ela apenas reclama o direito das inglesas assistirem às sessões, sem ao menos mencionar o direito feminino de participar mais ativamente do sistema representativo de seu país, ou seja, o direito de votar e serem votadas.

Como estava disposta a conhecer o Parlamento, Flora concluiu que sua única saída seria se vestir de homem; assim, procura um deputado inglês, que fica horrorizado com sua proposta. No entanto, é bem acolhida por um diplomata árabe. Assim, para transpor esta barreira, Flora teve que se “travestir” de árabe e desta maneira teve o sucesso desejado. Michelle Perrot lembra a importância da indumentária, como demarcação social e sexual, e a razão pela qual, quando as mulheres querem sair de sua condição feminina, algumas se vestem de homem: George Sand, é claro, mas também Rosa Bonheur para pintar, ou Louise Michel para combater. Mas isso sempre é visto como uma transgressão¹⁵.

¹⁴ Flora já havia publicado *Necessité* em 1835, mesmo ano que conheceu pessoalmente Fourier, além de já ter estabelecido contato com os saint-simonianos.

¹⁵ PERROT, Michelle. A dona de casa no espaço parisiense no século XIX. In: *Os Excluídos da História: Operários, Mulheres, Prisioneiros*. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 213- 231, 1988. p.219

Flora descreve a Câmara dos Comuns como sendo mesquinha e burguesa. A única coisa digna de elogios para Flora naquela sala feia e desagradável era a iluminação a gás! Com relação aos seus membros, Flora os qualificou de "seres insignificantes". Enquanto alguns parlamentares discursavam, outros dormiam ou liam o jornal. Quando os membros da Câmara dos Comuns dão conta de sua presença, eles ficam revoltados e se sentem ultrajados. Só o fato de ter sido "desmascarada" tão facilmente, mostra que Flora não estava se esforçando muito em seu disfarce, parece que ela queria realmente chocar os deputados com a sua presença.

Já na Câmara dos Lordes, Flora nota uma diferença de maneiras, chamando seus membros de "verdadeiros *gentlemen*", uma vez que eles repararam em sua presença, mas não fizeram tanto alarde como os membros da Câmara dos Comuns. Quanto às instalações, em sua opinião, a Câmara dos Lordes não se diferenciava muito da Câmara dos Comuns. Flora finaliza seus comentários dizendo que saiu das duas câmaras muito mais escandalizada com as maneiras daqueles senhores do que eles com suas roupas (não esquecer que ela estava fantasiada de árabe).

Aproveitando sua viagem para fazer uma análise das formas de relação entre homens e mulheres na Inglaterra, Flora Tristan afirma que a sorte da mulher casada é muito mais triste do que daquela que fica solteira, que ao menos goza de certa liberdade, já que a esposa só pode sair com a permissão do seu marido.

O marido inglês é um tipo de senhor e mestre dos tempos feudais, ele acredita ter o direito de exigir de sua mulher a obediência passiva de uma escrava, a submissão e o respeito. Ele a tranca na casa não por amor ou ciúme como o turco, mas porque ele a considera como coisa sua, como um móvel que só serve para seu uso. O marido inglês dorme com sua serviçal e a abandona quando ela engravida e não se sente mais culpado do que Abraão que mandou Agar e seu filho Ismael para o deserto.

A opressão vivida pelas inglesas contrasta fortemente com a liberdade experimentada pelas peruanas, segundo a descrição que encontramos em *Peregrinaciones de una Pátria*. Flora chega a afirmar: *não há nenhum lugar sobre a terra onde as mulheres sejam mais livres e exerçam maior império que em Lima*. Segundo Flora, as mulheres de Lima governam os homens, porque são muito superiores a eles em inteligência e força moral.

Não existe no Peru nenhum instituto de educação para um ou outro sexo. A inteligência não se de-

envolve senão pelas suas forças naturais. Por isto, a proeminência das mulheres de Lima sobre o outro sexo, por mais inferiores que sejam em relação às européias, deve ser atribuída à superioridade de inteligência que Deus lhes concedeu.

O marido de uma limenha não lhe pergunta aonde vai. Estas senhoras vão sozinhas ao teatro, às corridas de touro, às assembléias públicas e aos bailes, aos passeios, às igrejas e às visitas e são muito bem vistas em toda parte. Têm liberdade de conversar, de falar, são livres e independentes na multidão.

A liberdade das limenhas é tal que existe um costume na cidade que permite as limenhas sair sem serem percebidas, que é quando estas vestem uma saia velha, toda desalinhada e rota e um manto e uma blusa velha. Este subterfúgio é aceito e se chama "disfarçar". A uma disfarçada se considera como uma pessoa muito respeitável e não se dirige a palavra. Seria inconveniente e desleal a seguir, pois se está incólume, há razões importantes para fazê-lo e por conseguinte não deve-se arrogar-se o direito de examinar seus atos.

Voltando a refletir sobre as condições de vida das inglesas, Flora atesta que esta opressão não se estende a todas as mulheres, pois há um grande número de escritoras que estão produzindo sobre viagens, cenas da vida privada, poesias e economia política. Flora observa que, apesar da grande atividade das inglesas, estas são mais excluídas do movimento social do que as francesas. Muitas damas escreviam em revistas e jornais, mas muito poucas abraçavam a causa feminista, apesar da obra de Mary Wollstonecraft ter surgido na Inglaterra no fim do século XVIII, obra esta que pregava a igualdade entre os sexos.

Depois de expor um quadro sobre as escritoras inglesas, destacando a presença de Mary Shelley, Flora faz uma reflexão sobre um tema constantemente ligado à condição feminina: a prostituição. Flora qualifica a prostituição como a mais odiosa das pragas produzidas pela desigualdade na repartição dos bens deste mundo; *esta infâmia fere a humanidade e depõe contra a organização social bem mais do que qualquer outro crime*. Quando faz crítica à moral que rege o comportamento dos homens e das mulheres, ela vê que na mesma medida em que impuseram à mulher a castidade, ao homem foi destinada a liberdade. A injusta existência destes dois códigos morais distintos, segundo Flora, seria um dos motivos da necessidade da prostituição. Se a mulher tivesse as mesmas oportunidades de educação que o homem, a prostituição não se constituiria numa alternativa.

No capítulo "Prostitutas", diferente dos observadores masculinos e dos analistas sociais que escreveram sobre prostituição na mesma época, Flora precisa saber desesperadamente da sua própria relação com estas mulheres, que tipo de semelhança ou diferença a conecta com elas. Tentando primeiro se colocar no lugar delas, ela lança diatribes contra os homens que usufruem dos favores das prostitutas: *Deixe o homem ser culpado por esta aberração da natureza e deixe a mulher ser exonerada*. Mas a sua própria implicação nesta "aberração" permanece inescapável: ela vai observar a vizinhança e, no fim da Waterloo Bridge, que era inteiramente frequentado por prostitutas, descobre, para seu desgosto, que não pode evitar de ser confundida com uma delas. Até dois amigos que a acompanham são tidos como clientes e um gigolô lhes pergunta se querem um quarto para levar sua "amiga". Nem a classe social de Flora, nem sua condição de estrangeira a protegem do que o seu sexo a torna vulnerável. Rapidamente Flora escapa deste bairro¹⁶.

Além desta questão da prostituição, a autora lembra que a mulher também está sujeita ao abuso da força, do despotismo do poder paterno e à indissolubilidade do casamento, que juntos forçam a mulher a ocupar o degrau mais baixo da sujeição. Mas é claro que este *impenetrável mistério* da prostituta é para ela, como para muitos outros reformadores, o caminho mais comum da feminilidade à exploração operária, fazendo referência à exploração sexual das operárias nas fábricas. Se em *Promenades dans Londres* ela insiste na prostituta como vítima, em *Tour de France*, visitando um bairro de meretrício em Lyon, ela diz que, se fosse governante, reprimiria a prostituição, expressando uma opinião ultramoralista das mulheres de sua geração.

Percorrendo vários espaços da sociedade inglesa, Flora vai desde os interditos, como o Parlamento, e outros que não eram, como asilos, prisões e hospícios. Nestes últimos, a presença feminina sempre desempenhava um papel específico: a caridade. A caridade, antigo dever dos cristãos, tem desde longa data conduzido as mulheres fora de suas casas: visitar os pobres, os prisioneiros, os doentes. O exercício da caridade traçava nas cidades os itinerários permitidos. As epidemias (*cholera morbus*, 1832), as guerras e seus feridos, as crises econômicas e o desemprego, ampliados pela gravidade endêmica de problemas urbanos como alcoolismo, tuberculose, prostituição. Sob o termo de "maternidade social", se assiste a uma verdadeira mobilização feminina em todo o Ocidente, para dar conta de todos estes problemas trazidos pelo processo de industrialização nas grandes cidades da Europa.

¹⁶ NORD, Deborah Epstein. *The Urban Peripatetic: Spectator, Streetwalker, Woman Writer*. NCL - E. Berkeley, v. 46, n.3, p.1-16, dec. 1991. Artigo retirado da Internet.

Para este "trabalho do amor", as mulheres não devem esperar nenhuma retribuição; fazer o trabalho doméstico da cidade é gratuito tanto quanto o da casa. A filantropia tem efeitos múltiplos sobre as relações dos sexos na cidade. Para as mulheres burguesas, ela fez descobrir um outro mundo e, para certas mulheres, isto foi um choque. Elas iniciaram diversas atividades, como a pesquisa, sobretudo. Flora Tristan e Bettina Bretano (*Le Livre des Pauvres*) foram as primeiras "repórteres da miséria".

Ministras dos pobres, sobre os quais elas exerciam também um poder não desprovido de ambigüidade e conflito de classe, elas se pensavam como mediadoras daqueles que, à sua imagem, não tinham nem voz nem voto. Entre mulheres e proletários, existia um elo simbólico, senão orgânico, que as saint-simonianas colocaram em evidência. *Eu amo agir sobre as massas, disse Niboyet, porque lá eu sinto todo meu poder. Eu sou uma apóstola.* Em nome dos excluídos, dos fracos, das crianças, elas reivindicavam um direito de representação local e mesmo nacional.¹⁷ A filantropia estabeleceu o contato entre as mulheres das classes médias e os outros segmentos da sociedade e ajudou a criar o embrião de uma consciência de gênero, matriz de uma consciência feminista.

Seguindo este roteiro da filantropia, Flora visita a prisão de Newgate, em Londres. Flora imputa a desproporção gigantesca entre a miséria e o luxo como o fato que provoca, em toda a Europa, uma onda de crimes e, como consequência deste estado de coisas, começa a inspirar o medo. Assim, ela atribui a crescente criminalidade ao desequilíbrio na distribuição de renda, que aumenta ainda mais as desigualdades sociais. Em sua análise, Flora ainda alerta que as prisões são verdadeiras escolas de crimes, sendo a recuperação dos delinqüentes praticamente impossível. Ela avalia que numa sociedade em que o amor ao dinheiro é maior do que tudo, os valores morais são muito frágeis para frear as pulsões criminosas dos indivíduos. Quando ela se detém sobre as causas dos crimes passionais praticados pelas mulheres e pelos homens, aponta imediatamente a indissolubilidade do casamento que

coloca o punhal ou o veneno na mão dos esposos. Nós sabemos que os preconceitos bárbaros e fanáticos que perseguem a mulher que se torna mãe lhe rendem a condição de criminosa. Enfim como as mulheres são excluídas de todas as profissões quando seus filhos não têm pai que lhes dê o pão, elas se acham entre o infanticídio, a prostituição e o roubo.

¹⁷ PERROT, Michelle. SORTIR. in: DUBY, George e PERROT, Michelle. *Histoire des Femmes en Occident*. Paris: Plon, 1991. p. 627.

O século XIX ocupa um lugar privilegiado na história do sistema penitenciário. O Código Napoleônico estabelece a "regra do jogo na paz burguesa"; mas ele se complica sem cessar. As sociedades industriais, intensificando as relações entre os grupos, multiplicam normas e interdições; sob muitos aspectos constrangedores e repressivos, elas codificam tudo e, ao mesmo tempo, fabricam delinquentes.¹⁸

No Antigo Regime os cárceres tinham mais um caráter de depósito, despejo, locais de passagem do que de permanência e penitência: o encarceramento não constituía a pedra angular da repressão. Inventando a liberdade, a Revolução simultaneamente gera seu contrário. Fazendo da pena privadora da liberdade o ponto de sustentação do sistema penal, ela tece as primeiras malhas dessa imensa rede – casas de justiça, de detenção, de correção... Feita para punir, mas também para reintegrar os delinquentes à sociedade, *corrigir os costumes dos detentos, a fim de que seu retorno à liberdade não seja uma desgraça nem para a sociedade, nem para eles mesmos*¹⁹.

Depois de fazer uma reflexão sobre a prisão e a criminalidade, Flora irá examinar outra instituição, guardadas as suas diferenças, que também enclausura, excluindo seus membros do contato com o restante da sociedade: o asilo de loucos. Remetendo aos motivos primeiros de sua viagem, Flora se debruça sobre o lado sombrio das sociedades: doença, loucura, delinquência. Segundo Foucault, o hospital psiquiátrico do século XIX era o lugar de diagnóstico e de classificação, *retângulo botânico onde as espécies de doenças são divididas em compartimentos cuja disposição lembra uma vasta horta. Mas também era o espaço fechado para um confronto, lugar de uma disputa, campo institucional onde se trata de vitória e de submissão*.²⁰

Todas as técnicas ou procedimentos efetuados no asilo do século XIX - isolamento, interrogatório particular ou público, tratamento - punições como a ducha, pregações morais, encorajamento ou repreensões, disciplina rigorosa, trabalho obrigatório, recompensa, relações de servidão entre o médico e o paciente - tinham como

¹⁸ PERROT, Michelle. Delinquência e sistema penitenciário na França no século XIX. in: *Os Excluídos da História: Operários, Mulheres, Prisioneiros*. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p.235-273, 1988. p.236.

¹⁹ J. BENTHAN. Panoptique, Mémoire sur un nouveau principe pour construire des maisons d'inspection, et nommément des maisons de force, imprimé par ordre de l'Assemblée Nationale, apud. PERROT (1988), *op. cit.*, p.236.

²⁰ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p.122

função fazer do personagem do médico o "mestre da loucura"; aquele que a faz se manifestar em sua verdade quando ela se esconde, quando permanece soterrada e silenciosa, e aquele que a domina, aclama e absorve depois de a ter sabidamente desencadeado²¹. Flora acreditava que a loucura era uma desordem orgânica causada por razões físicas ou morais.

O frio ou o calor, em altos graus de intensidade, são suficientes para provocar certas organizações cerebrais. O excesso de bebida, o abuso do mercúrio, os acidentes, as doenças podem também provocar a alienação, mas em geral ela é levada por causas morais. Tanto que o homem coloca toda a sua confiança no poder de sua razão, na afetação de alguns de seus semelhantes, e desconhece a subordinação de todas as coisas à ordem universal, as decepções vieram aniquilar esta inteligência orgulhosa que pode querer ficar no lugar de Deus.

Buscando de uma maneira empírica as causas da loucura, Flora aponta diversas razões, mas segundo ela o caminho da loucura estaria na onipotência de uma razão absoluta que tenta entender o mundo sozinha, mas falha ao tentar desvendar a subordinação de todas as coisas à ordem universal.

Numa interpretação centrada nas causas sociais da loucura, Flora analisa o número de loucos de cada país em relação à sua população: chega à conclusão de que os que estão resignados pela filosofia ou religião têm um número menor de loucos. Mas os povos que racionalizam suas crenças religiosas e sua conduta na vida são aqueles em que se acha o maior número de alienados. Para confirmar sua teoria, nossa autora lembra dos islamitas que gritam: *Deus é grande! Neste povo são raros os loucos, pois eles não procuram nenhuma autoridade da razão humana.*

Voltando sua atenção para a Inglaterra, ela assegura que é este país que tem o maior número de loucos; é também lá onde se cometem os maiores excessos de todos os tipos, onde a crença no livre arbítrio é grande e o sentido religioso é posto em debate e se racionaliza tudo. Nesta sua visita ao hospício público de Bethléem, Flora traça a semelhança desta instituição com a prisão. *Os corredores por onde os loucos passavam se pareciam com aqueles das prisões, nem árvores nem verde para distrair a visão.* Flora vê o mesmo olhar entre os prisioneiros e os loucos do hospício.

A ida ao hospício, no entanto, não foi apenas mais uma visita a outra instituição inglesa, Flora fica bastante abalada, pois vem a saber da existência de um interno francês, marinheiro, cujo o nome

²¹ *ibid.*, p.122

era Chabrier. Flora fica apreensiva pois teme que ele seja o mesmo por quem se apaixonou há tempos. A última notícia que teve dele, era de que havia morrido no mar. No entanto, tudo não passa de um engano provocado pela semelhança dos nomes, o Chabrier de Bethléem não era o capitão de Le Mexicain, que se chamava Pierre-Zacharie Chabrié e não Chabrier. Este Chabrier acreditava-se Deus, o messias anunciado por Jesus Cristo. *Eu vim terminar a minha obra; eu venho acabar com toda a servidão, libertar a mulher da escravidão imposta pelo homem, o pobre do rico e a alma da servidão do pecado.* Estas palavras não soam como loucura para Flora; segundo ela Jesus, Saint-Simon e Fourier já haviam falado assim. Desta forma, Flora se interroga se este homem é realmente louco, pois tudo o que falou manifestava idéias de conteúdo social, político e religioso, cheio de amor por seu semelhante. Sua alma se revoltava pelas *corrupção e hipocrisia da sociedade.*

Mesmo não sendo o Chabrié do passado de Flora, este homem a impressiona bastante, por ser considerado um louco, estar internado num hospício e ter princípios semelhantes aos seus. De uma certa maneira, Flora se comove com a história deste homem estrangeiro e abandonado por todos numa terra estranha. Ele seria tão pária quanto Flora Tristan.

Grande parte do aprendizado de militante socialista de Flora, que se escandaliza com as injustiças sociais, foi resultado de sua experiência como viajante. Assim, Flora Tristan, preocupada com a formação da classe operária, dirige uma especial atenção à condição dos trabalhadores das fábricas (não menciona em nenhum momento os trabalhadores rurais). Ela observa inicialmente o estado de penúria da maior parte dos operários. Mas quando Flora Tristan se sensibiliza com o olhar dos trabalhadores, dá uma nova perspectiva a esta questão, observando que eles têm os olhos constantemente baixos e não nos olham, apenas de soslaio. Nossa autora faz uma comparação entre o olhar dos trabalhadores da Inglaterra e o dos escravos da América; dizendo que é o mesmo olhar daqueles que são dependentes e subordinados. Os operários ficam fechados de 12 a 14 horas por dia em salas abafadas, respirando um ar viciado e passando freqüentemente de uma alimentação insuficiente aos excessos de bebida; *assim todos estes infelizes são debilitados, raquíticos e sofrendores; seus corpos são magros, débeis, seus olhos são mortos ...* O olhar dos que sofrem não escapa a Flora, ela vê semelhanças no olhar dos presos, dos loucos e dos operários. Flora se utiliza desta oportunidade para mostrar que esta sociedade industrial que se está formando é produtora de desigualdades nunca vistas

antes na História, respondendo porque viajar para Londres, onde encontra os "marginalizados" – as prostitutas, os delinqüentes, os loucos – desta nova ordem social que está se constituindo.

A viagem e os espaços sexuais urbanos

Em seu livro *Os Excluídos da História*, Perrot faz algumas ponderações sobre a evolução do uso sexual do espaço urbano, principalmente em Paris, no século XIX. A sociedade dita "tradicional" tinha elaborado uma estruturação bastante acentuada dos espaços masculinos e femininos, correspondendo, de maneira sutil, às tarefas e representações ligadas a cada sexo. O forte impulso urbano dos anos 1760-1830, o afluxo dos migrantes, o desequilíbrio dos sexos (homens em quantidade, menos mulheres - e concentradas em bairros diferentes, o que aumenta a disparidade) embaralham os esquemas da sociedade rural. Eles não são esquecidos, pois as pessoas têm uma memória e procuram recriar na cidade o seu espaço vital. Parece ter havido nessas cidades populosas um período de fusão, de relativa incerteza onde as coisas são mais fluidas, as fronteiras - sociais, sexuais - mais indefinidas.²²

Os locais mistos, a indiferenciação do público e do privado caracterizam esse uso da cidade, onde as mulheres são parte integrante. Fluida, a dona-de-casa circula por tudo, instala-se em qualquer lugar, pára como quer. Com efeito, um dos meios de conseguir recursos para as pessoas do povo é se fazer de *camelô*: alguém se apropria de um trecho da rua para fazer negócio. As mulheres aí se sobressaem. Os pequenos ofícios, os pequenos comércios são seu quinhão²³. A segregação sexual do espaço, neste momento, é relativamente pouco marcada.

As classes dominantes, principalmente as autoridades urbanas (administradores do Sena, delegados de polícia), denunciam cada vez mais esta confusão tão "vergonhosa" para as transações econômicas e a ordem pública. Bufões, músicos ambulantes, *camelôs* são a obsessão de Gisquet, delegado de polícia de 1831 a 1836. Essa racionalização da cidade, onde a *haussmannização* é uma das expressões mais vivas, faz-se por circulação dos fluxos e especialização dos espaços, diversificados, funcionalizados²⁴.

A distinção entre público e privado implica uma segregação sexual crescente do espaço. Uma das suas chaves talvez seja a

²² PERROT (1988), *op. cit.*, p.215.

²³ *ibid.*, p. 216

²⁴ *ibid.*, p.218

definição do espaço público como espaço político reservado aos homens. A burguesia daquela época exclui da política os operários e as mulheres. E os operários, quando reivindicam o acesso à esfera política, reproduzem o modelo burguês, excluindo as mulheres. Através da coisa pública, dos assuntos políticos, desenha-se um mundo de sociabilidade masculina - uma "civilização dos cafés" (Philippe Ariès) de onde as mulheres estão excluídas²⁵.

Dar relevo às viagens femininas - principalmente no século XIX, século este marcado de forma bastante nítida pela segregação sexuada do público e privado - nos ajuda a romper com o equilíbrio estático entre a esfera pública e privada. Para o ofício do historiador, a utilização desta dicotomia tem um alcance limitado para a compreensão da condição feminina no século XIX, na medida em que este tipo de abordagem dá conta unicamente da mulher burguesa, deixando de lado outras formas das vivências femininas das outras classes sociais.

Quando se reforça a imagem da mulher enclausurada no espaço doméstico, estabelecemos um diálogo direto com o imaginário burguês de mulher devotada ao lar e à família e que não participa ativamente da vida política de sua comunidade, escapando a análise de outras instâncias de poder exercidas pelas mulheres. A necessidade de uma maior produção historiográfica sobre as viajantes é justamente desconstruir esta imagem de mulher burguesa fechada no âmbito privado da sociedade, pois viajantes como Flora Tristan e Mary Graham pertenciam ao segmento social médio e urbano.

²⁵ *idem*